



## O cirandar das crianças: oficinas de pais e crianças com distúrbios graves de comportamento e autismo

*Children's circle: workshops for parents and children with severe behavioral disorders and autism*

Luiza Bradley ARAÚJO<sup>1</sup>

**Resumo:** Este relato descreve uma experiência realizada no CECOMFIRE, Centro Comunitário da FAFIRE, na Região Metropolitana do Recife, onde fica a Clínica do Social. Sabemos das dificuldades dos pais em aceitarem um filho com comprometimento ou uma síndrome. No caso do autismo, os pais se sentem impotentes e não sabem como lidar com essas questões. Partindo dessa premissa, este estudo priorizou discutir e aprimorar, na Clínica Psicanalítica, a possibilidade de um lugar para os pais, onde eles pudessem falar de seus filhos e de suas dores psíquicas e saber em que as crianças estavam sendo atendidas pelos profissionais num espaço em que poderiam brincar, interagir e, através das técnicas terapêuticas, expressar seus sentimentos, já que muitos não tinham fala verbal. As crianças foram acompanhadas com atendimento individual pelos profissionais estagiários das Pós-graduações em Psicanálise da FAFIRE. As oficinas foram realizadas simultaneamente com as crianças e os pais, em salas distintas. Foram grupos semanais com os pais e filhos, em salas alternadas, com duração de uma hora, reunidos mensalmente num grande grupo na mesma sala, onde os pais brincavam com seus filhos, mediados pelos profissionais que se mostravam disponíveis para incentivar a brincadeira.

**Palavras-chave:** Pais. Crianças. Autismo.

**Abstract:** This report describes an experience carried out at CECOMFIRE, FAFIRE Community Center, in the Metropolitan Region of Recife, where Clinical of Social is located. We know of the parents' difficulties in accepting a child with impairment or a syndrome. In the case of autism, parents feel powerless and do not know how to deal with the seissues. Based on this premise, this study prioritized discussing and improving, at the Psychoanalytic Clinic, the possibility of a place for parents, where they could talk about their children and their psychic pains and know (in) that the children were being at tended to by professionals in a space where they could play, interact and, through

99

<http://dx.doi.org.10.24024/23579897v30n1a2021p990104>

<sup>1</sup> Psicóloga, psicanalista e docente do Curso de Psicologia da FAFIRE | mestre em Educação pela Université, Québec à Hull | doutora em Psicologia e psicanálise pela Université Paris 13 | E-mail: lbradleyaraujo@gmail.com | lparaujo@elogica.com.br

therapeutic techniques, could express their feelings, since many did not have verbal speech. The children were following e dup with individual care by the trainee professional so the Post graduate courses in Psychoanalysis at FAFIRE. The workshops were held simultaneously with the children and parents in different rooms. They were weekly groups with parents and children, in alternate rooms, lasting one hour, meeting monthly in a large group in the same room, where parents played with their children, mediated by the professionals who were available to encourage play.

**Keywords:**Parents. Children. Autism.

## Introdução

O estudo priorizou discutir e aprimorar, na Clínica Psicanalítica, a possibilidade de um lugar para os pais, onde eles pudessem falar de seus filhos e de suas dores psíquicas e saberem que as crianças estavam sendo atendidas pelos profissionais num espaço onde poderiam brincar, interagir e, através das técnicas terapêuticas, expressar seus sentimentos, já que muitos não tinham fala verbal.

Os pais esperam ansiosos a chegada do filho durante nove meses e, de repente, quando a criança nasce, às vezes não é o esperado. Sabemos das dificuldades dos pais em aceitarem um filho com comprometimento ou uma síndrome. Mesmo se a criança nasce aparentemente bem e, quando vai crescendo, começam a surgir as dificuldades, como no caso do autismo, os pais se sentem impotentes e não sabem como lidar com essas questões. Principalmente quando são de baixa renda e necessitam pegar transporte coletivo para sair com a criança; os pais sofrem muito, a criança grita e esperneia, as pessoas olham com ar de crítica e reprovação, e eles só ficam envergonhados e tímidos, sem coragem de falar nada, muitas vezes se desculpando. Foi pensando nesses pais e nessas crianças que resolvemos fazer um Projeto que possibilitasse a fala desses pais e a melhora de seus filhos.

A criança tem uma estrutura não decidida na infância. Sustentando essa hipótese, somos impelidos ao trabalho clínico com as crianças. É através dessa prática que vamos validando a teoria, cujo referencial teórico tem respaldo na psicanálise.

As crianças foram acompanhadas com atendimento individual pelos profissionais que realizam a prática (dos estagiários) das Pós-graduações em Psicanálise, no CECOMFIRE, Centro Comunitário da FAFIRE.

Tivemos como objetivos: promover a fala dos pais em relação aos seus sentimentos e a integração entre os pais e filhos; propiciar o desenvolvimento, a socialização e integração de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista) ou sinais de autismo, e/ou comprometimento grave.

## Metodologia

As oficinas foram realizadas simultaneamente com as crianças e os pais, em salas distintas. A periodicidade foi semanal, com duração de uma hora, finalizando sempre com um lanche integrativo entre as crianças e os pais.

Tivemos também discussão teórica entre os profissionais, após cada oficina, a fim de melhor conhecer o ocorrido nas duas oficinas de pais e crianças.

**Fig 1.** Oficina com as crianças



Fonte: A autora.

A partir do trabalho com os pais, numa roda de conversa, os depoimentos dados em 2018 e 2019 mostraram um desenvolvimento e uma maior consciência e interação que facilitaram a vida familiar diária. Toda terceira semana do mês havia uma oficina lúdica com os pais e filhos. No início, sentimos as dificuldades de a maioria dos pais brincarem com seus filhos. Muitos (pais) disseram que antes não saíam com seus filhos porque se sentiam envergonhados pela forma como as pessoas olhavam e falavam com eles. Após as oficinas, eles disseram que esses encontros possibilitaram independência e segurança, pelo fato de não mais se envergonharem e de aprenderem a se defender. Se alguém dizia, sobre seu filho, que “essa criança é muito mal-educada”, eles não tinham mais medo de responder: “Ele é autista e você devia ter mais respeito”.

**Fig 2.** Pais e filhos em comemoração ao Dia da Criança



Fonte: A autora.

## Revisão da literatura

O austríaco Léo Kanner, a partir da descrição de 11 crianças, classificou o conjunto de comportamentos observados como uma síndrome, por ele nomeada de Autismo Infantil Precoce (AIP). Kanner (*apud* ROCHA, 1997) fez os estudos de medicina na Universidade de Berlim, concluídos em 1922. Iniciou sua carreira nos Estados Unidos, em 1924, tornando-se professor adjunto de Pediatria em 1948. Em 1957 foi nomeado professor de psiquiatria infantil. Escreveu o primeiro artigo sobre Autismo em 1943 e reformulou em 1944. Na conclusão do seu artigo, Kanner escreve:

Devemos, portanto, supor que estas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade inata de estabelecer o contato afetivo habitual com as pessoas, assim como as outras crianças vêm ao mundo com deficiências físicas ou intelectuais. [...] Pois aqui parece que temos exemplos “puros” (*pure-culture*) de distúrbios autísticos inatos do contato afetivo (KANNER, 1943, *apud* ROCHA, 1997, p. 170).

Segundo Brentani (2013), autismo, Síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo da infância e distúrbio global do desenvolvimento, pode ser nomeado como autismo, sem outra especificação (American Psychiatric Association - APA, 2013).

Crianças com TEA podem mostrar sinais do transtorno desde os primeiros meses de vida, ou começo da infância. Pode não ser detectado antes, por conta das demandas sociais mínimas na mais tenra infância, e do intenso apoio dos pais ou cuidadores nos primeiros anos de vida. O termo “espectro” faz referência às diferentes apresentações clínicas, cada qual com suas especificidades e seus níveis e graus de comprometimento.

Segundo Jerusalinsky (1993), uma criança autista não olha diretamente, mas está sempre vigilante da posição do Outro, para manter a distância necessária, a fim de recompor incessantemente a posição de exclusão que lhe garante sua condição de ser. Ou seja, ela é completamente atenta e responde sempre do mesmo modo, sob a forma da repetição da demanda de exclusão. São capazes de distinguir detalhes mínimos, no qual está a serviço de repetir a posição em que a demanda do Outro o situou no mínimo de subjetividade, e que lhe é imprescindível para organizar a sua relação com o mundo (JERUSALINSKY, 1993).

Do ponto de vista psicanalítico, a plena manifestação de uma síndrome autística pode ser considerada como tradução clínica da não instauração de um certo número de estruturas psíquicas que, por sua ausência, podem acarretar déficits de tipo cognitivo, entre outros (LAZNIK, 2013). Quando esses déficits de tipo cognitivo se instalam de maneira irreversível, podemos falar de deficiência. Consideramos que a síndrome autística clássica é uma consequência de uma falha no estabelecimento do laço social, sem o qual nenhum sujeito pode advir.

Outro sinal é a não instauração do circuito pulsional completo, que pode constituir o indício do fracasso da instauração de uma estrutura, que é totalmente central para o próprio funcionamento do aparelho psíquico (LAZNIK, *op.cit.*, 2013). Daí a grande importância da clínica com bebês. É incrível como temos uma resposta rápida! O laço primeiro com a mãe, enquanto função, definirá os futuros laços sociais. Na clínica com bebês, vamos

intervir para que se instaurem as estruturas psíquicas, antes que aconteçam os déficits cognitivos. A clínica nos mostra que, quanto mais cedo possamos intervir no laço pais-criança, melhor prognóstico teremos. Na clínica com crianças não podemos perder tempo: devemos “correr contra o tempo”, a fim de evitar os déficits cognitivos e sociais.

Tivemos o primeiro projeto em 2018, no qual observamos que houve uma evolução em cada criança, em relação ao comportamento, linguagem, socialização, cognição e ao emocional. Fizemos uma avaliação com as crianças e outra com os pais. Por essa razão, continuamos em 2019, visto o resultado positivo de 2018. Estávamos no terceiro ano de trabalho - 2020 -, quando chegou a pandemia. Esperamos voltar o mais breve possível!

**Fig 3.** Encerramento das atividades com a comemoração do Natal



Fonte: A autora.

### Considerações finais

As oficinas aqui referidas constroem a importância do trabalho em grupo de pais e filhos, além do trabalho terapêutico individual.

Observou-se que houve um grande aprendizado nas oficinas, não só para os pais e as crianças, mas para os profissionais também. Esses grupos possibilitaram desenvolver a socialização das crianças, que é o maior problema delas, melhorar a atenção e concentração nas tarefas propostas pelos profissionais, além de facilitar a comunicação delas com o pai.

Os profissionais perceberam a importância do suporte teórico para fundamentar a prática. Aprendemos que o prazer é fundamental, do lado dos profissionais, para trabalhar com essas crianças. Esse gozo vai captar a criança, que cada dia vai mostrar mais progresso, em todos os sentidos.



## Referências

- BERQUEZ, Gérard. O autismo infantil de Kanner. *In*: S. LEOVICI, S.; MAZET, P. (orgs.). **Autismo e psicoses da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 20-30.
- BRENTANI *et al.* Autism spectrum disorders: an overview on diagnosis and treatment. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 35, supl.1, p. 62-72, 2013.
- CAVALCANTI, Ana Elisabeth; ROCHA, Paulina Schmidtbauer. **Autismo**: construções e desconstruções. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- FLESLER, Alba. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- FLESLER, Alba. **A criança em análise e as intervenções do analista**. Seminário proferido em Brasília, Manhattan Hotel, 13 e 14 de maio de 2016, inédito.
- FLESLER, Alba. As intervenções do analista na análise de uma criança. **Revista da APPOA**, Porto Alegre, n. 40, jan./jun. 2011.
- JERUSALINSKY, Alfredo. Psicose e autismo na infância: uma questão de linguagem. *In*: **Psicose** - boletim da associação psicanalítica, Porto Alegre, ano 4, n. 9, 1993.
- KANNER, Leo. Os distúrbios autísticos de contato afetivo. *In*: ROCHA, P.S. (org.). **Autismos**. São Paulo: Ed. Escuta; Recife: Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem, 1997.
- LACAN, Jacques. (1974-75) RSI. **Seminário XXII**, Inédito. Paris: AssociationFreudienne Internationale. LAZNIK, Marie-Christine. A hora e a vez do bebê. São Paulo: Instituto Langage, 2013.
- LAZNIK, Marie-Christine. **A voz da sereia**: o autismo e os impasses na constituição do sujeito. Salvador: Ágalma, 2013.
- ROCHA, Paulina Schimidtbauer. (org.) **Autismos**. São Paulo: Escuta, 1997.

---

Recebido em: 25.03.2021

Aprovado em: 10.04.2021

### Para referenciar este texto:

ARAÚJO, Luiza Bradley. O cirandar das crianças: oficinas de pais e crianças com distúrbios graves de comportamento e autismo. **Lumen**, Recife, v. 30, n. 1, p. 99-104, jan./jun. 2021.